

VIDA MUNDIAL

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ATUALIDADE

POBRES DE PEDIR

... VER PÁGINAS DOZE E TREZE ...



PREÇO AVULSO 1\$80 ~ 7 DE MARÇO DE 1946

ANO V

N.º 250

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR:
JOSÉ CANDIDO GODINHO
EDITOR:
PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE "VIDA MUNDIAL"
EDITORA, LIMITADA.

PRIMEIRA COLUNA

SOL

POR ANIBAL NAZARÉ

Só porque o sol, amigo eterno e sincero dos lisboetas, tem caprichado em iluminar a cidade, em cobri-la da sua poalha dourada, Lisboa parece outra. E é sempre assim, todos os anos, quando o mau tempo passou e quase esquece, como pesadelo. Sob a carícia do sol, briham com diamantes os vidros das janelas de casitas humildes; as mulheres parecem mais belas — os homens parecem melhores...

Dá o sol de chapa no casario imenso da cidade e toda ela parece um brinquedo, pintado de mil cores, para mais agradar às crianças.

Lisboa, sob o sol, rejuvenesce — cidade velhinha que, no Inverno, tiritia de frio e inveja a *chaise/age* das grandes capitais. Ao beijo amigo do sol, as janelas de Lisboa abrem-se em muitos sorrisos de ternura.

Entra o sol pelas casas, num à vontade próprio de amigos velhos, e parece que entra com ele a felicidade.

Os jardins enchem-se, que o sol, perto das flores, parece ser mais saboroso e menos violento em suas carícias... E as pedras da rua parecem ser alguma coisa mais que pedras — as pobrezinhas que, no Inverno, à lama cobre e castiga sem piedade...

O sol sempre gostou de passear por Lisboa, pelas suas ruas estreitinhas, pelas suas avenidas novas, pelos mil recantos desta cidade que parece saber olhar o sol de frente e que ele, talvez por isso, gosta de iluminar, num clarão de luz que é quase um bafejo de felicidade...

1 sr. Antero Leal Marques, continua a afirmar-se, pelas suas altas qualidades de inteligência, uma das grandes figuras do nosso meio social, político e financeiro. Depois de haver exercido, durante bastantes anos, o alto cargo de chefe de gabinete do sr. dr. Oliveira Salazar, foi convidado para fazer parte do Conselho de Administração do Banco Lisboa & Açores, onde tem desenvolvido uma acção que constitui mais uma prova dos seus grandes méritos. E de tal forma, que acaba de ser reeleito para esse lugar, com a votação unânime da última assembleia geral desse importantíssimo estabelecimento de crédito do nosso país. Com esse facto nos registamos — nós que também somos admiradores do antigo colaborador do sr. Presidente do Conselho.



1) O novo Presidente da República Brasileira, general Eurico Gaspar Dutra, no acto da posse, no Palácio do Catete. A esquerda, o ex-presidente José Linhares, e à direita o presidente do Supremo Tribunal de Justiça, ministro Waldemar Falção. 2) No Teatro da Ópera, de Kiel, não basta comprar o bilhete de entrada e praciono, também, levar lenha para o aquecimento do teatro!



OS LEÕES E O GATO

Um casal de leões no «Zoo» londrino acabou de ter uma ninhada de leõezinhos. Três dias depois, porém, estes apanhavam o seu primeiro grande susto. «Timoshenko», o gato do jardim, bufou-lhes e ameaçou-os com as patas. Os leõezinhos, cheios de medo, foram logo fazer queixa aos papás, dizendo-lhes: «Não há o direito de deixarem andar feras à solta dentro das nossas jaulas!»
E se um dia, depois de crescidos, os leões apanharem o gato, não lhe que-remos estar na pele!...

O PERIGO NÃO EXISTE PARA ELES!

TRES marinheiros americanos conservam-se alerta na câmara do leme de um barco avariado, procurando contacto com minas nas águas japonesas. As minas foram lançadas por aviões americanos antes da rendição nipônica aos aliados, e a sua construção é tão perfeita que são difíceis de resgar pelos processos habituais, devendo neutralizá-las a si próprias depois de um certo tempo. Uma vez que a certeza de que elas não constituem perigo apenas pode ser adquirida pelo contacto, destinaram-se para esse serviço três barcos especialmente equipados e tripulados apenas por voluntários, nunca mais de 22 em cada. Todavia, adoptaram-se todas as medidas para um rápido salvamento em caso de explosão.



Júlio Säusewrein, chefe dos serviços do Estrangeiro do «Paris Sol», jornalista que percorreu todo o mundo e entrevistou as maiores celebridades mundiais, encontra-se, há tempos, em Portugal, para onde o encaminharam as contingências da guerra.

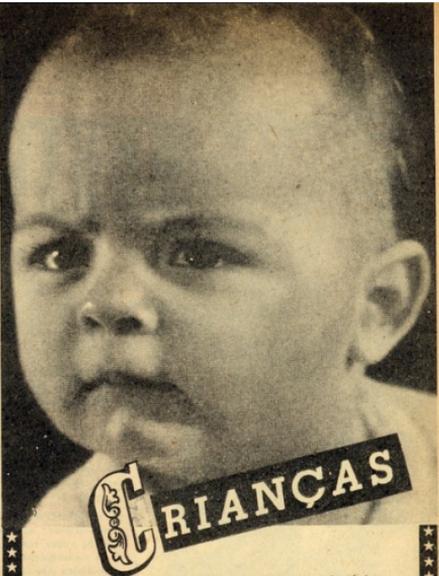
Aqui vemos o Ilustre Jornalista, que é, também, um pianista distinto, tocando para três amigos portugueses — o maestro António Melo, o artista Fausto Caldeira, e Guilherme Pereira de Carvalho.



O Presidente Truman examinando o modelo de 1946 construído pelo Ford, na presença do segundo filho de Henry Ford.



A censura novayorquina acabou por proibir, depois de três dias de exibição, a última produção de Fritz Lang, «The Scarlet Street», com Joan Bennett, Edward G. Robinson e Don Duryeo. A razão dada pelos censuradores é a seguinte: o filme é imoral e incute o crime. Aqui vemos uma das mais violentas cenas da película.



CRIANÇAS

Há crianças, em Lisboa, sujeitas ao rigor do infortúnio, que sem o amparo duma mão amiga, resvalam nessa indulgência promiscua do farrapo — um palmo distante do crime.

Vivem por aí, pobres, enregeladas do frio quando a invernia aperta — dormindo ao acaso, no desvão duma escada, sobre taboas de andaimas, mendigando de dia a esmola duma cédula. Dentro desta miséria há, porém, montada uma indústria. São os vândos e cadastrosos, homens mandraços de taberna, que acham o trabalho uma tortura, e que, protegendo essas crianças no colo de indesejáveis, vêem nelas os artigos da «Fábrica da Mandrões».

E é vê-las, de manhãzinha, sujas e desgrednhadas, obitos quentes de febre, a pele baça, esverdeada, já mordida das privações, baterem em volta dos mercados com os limões, o papel para escrever — e um sacco onde metem tudo que a mão ligeira possa colher.

Uma dessas crianças com quem tafámos, certa tarde em que, chorosa, armava arral de pedicha por via de cinco escudos perdidos na baldrada da Praça da Figueira, disse-nos, horrorizada, que se chegasse a casa sem dinheiro lhe bastiam tanto que chegava a ficar sem fala.

— E o teu pai?

— Não senhor! Não tenho pai nem mãe! E o tio Joaquim! Estamos lá em casa — eu e mais quatro...

Ora nessa indústria que empurra as crianças abandonadas para o crime, já há muito devia haver a colecta dum tribunal rigoroso. Assim se provaria que ainda é possível regenerar uma alma, mesmo quando ela cai no atoleiro da miséria e, sem ninguém, vive só acompanhada do crime.

Essas crianças devem ser amparadas, libertas do crime onde, a dois passos, vão cair — sem o amparo da família.

É preciso, pois, dar a possibilidade duma assistência particular, que, evidentemente, sem ser tão rica como a do Estado, poderá fazer face a essa miséria com que em Lisboa lutam as crianças — sem eira nem beira.

Façamos, por nossas mãos, um pouco de caridade.



Os soldados ingleses dedicam-se, apaixonadamente, ao «Cinema de amadores». Aqui os vemos filmando a última cena duma película que, como vêem, tem um desenlace felicíssimo...

UM DIA COM FÉLIX GOUIN



1) Às 8 horas, o chefe do Governo francês está já no seu gabinete consultando volumosos «dossiers».

2) O presidente não costuma atender ao telefone, mas às vezes tem que ser. Ei-lo comunicando com o ministro André Philip.

3) Nessa manhã o presidente recebeu a visita de Leon Blum.

4) Félix Gouin é amigo dos jornalistas e presta-se a todas as entrevistas.

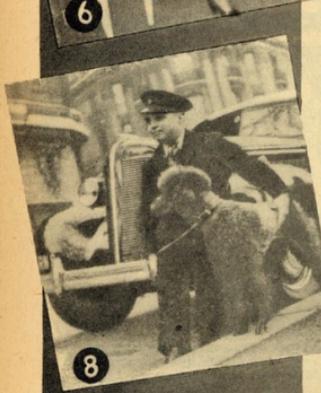
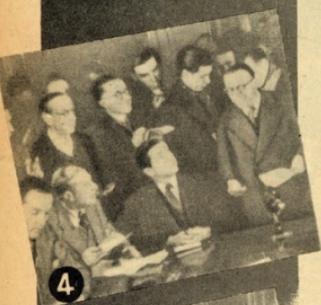
5) Depois de um conselho de ministros, faz uma declaração ao microfone.

6) Madame Gouin faz a sua permanente antes de ir visitar os amigos...

7) O presidente não pôde vir jantar a casa, e a mulher faz-se acompanhar pelos seus dois sobrinhas.

«Enquanto espero pelo senhor presidente, diz-nos Leon, o seu «chauffeur», conto sempre com a companhia de Jimmy».

9) Depois de um dia de trabalho, descansa ao serão em companhia de sua esposa.





ESTRELA FÁRIA

Prêmio "Columbano" uma afirmação da moderna geração de pintores!

Em caso, o illustre artista Estrela Faria aproveite o tempo lendo uma revista.

ESTRELA Faria, pintora de excepcionais recursos, acaba de triunfar no Salão de Arte Moderna, sendo-lhe atribuído o prêmio «Columbano», instituído pelo Secretariado, no montante de 10 mil escudos.

Estrela Faria é uma artista em evolução, moderna, sempre a reafirmar, em público, os créditos dum labor nascido em boa hora na Évora do templo de Diana, sua terra natal, e donde demandou Lisboa no aperfeiçoamento dos estudos, a expensas da Junta do Distrito. Hoje, praticamente, Évora tem por Estrela Faria o orgulho de a ver na fileira dos artistas modernos, sempre presente, na pujança dum valor já a espalhar-se para além das acanhadas fronteiras.

Na arte desta pintora alentejana há, por vezes, a sombra nostálgica do planície, onde o trigo amarece ao sol de fogo. É o próprio Alentejo nu. Agosto das seixas, com o ventre da terra gretado; os carregos de feno, aos solavancos, puxados pelos bois, de foetinho habado; os mandraços, badamecos, de papo ao ar, na sombra das azinheiras, que vieram da vila truzer o cabaz da merenda ao montado; e as raparigas da ceifa, bebidas de melo quartilho e sardinha ressequida, a botarem figura pelos olhos maganos com um cantar nos lábios para esquecer as agruras da faina — é tudo isso, vivo documentário, ao jeito de epopeia, onde a foíce e o arado andam a manter o mesmo sagrado amor pela terra, perpassa na arte inquieta de Estrela Faria.

Sendo uma pintora — é uma poetisa na harmonia e no ritmo — podem-me o termo — com que lungei as tintas.

E a prova viu-se, recentemente, na exposição individual, bem batida de elogios e não menos repleta de assistentes. Por S. Pedro de Alcântara demorou-se bem a Lisboa das Artes, extasiados alguns pelos arrebatamentos da artista, sempre diferente de quadro para quadro. Quanto a nós, esse complexo emocional da artista achemos-lhe um valimento de técnico poder interpretativo, raras vezes atingido por aqueles artistas-vedetas crismados de talentos oficiais — e que só conhecem um caminho na pintura — ou, por outra, um caminho para os quadros: as encomendas do Museu.

Estrela Faria provou bem a sua atitude perante a arte moderna. Já não basta pintar; é preciso encontrar, para mais além, a profundidade humana do que se «pinta».

A Arte não está enquadrada nos fenômenos duma época — se o artista, seu servidor, tiver retrocedido dois séculos e passar a vida inteira a desenhlar sandálias de carmelitas ou hábitos de S. Francisco. Um crítico inglês, um dia, ao visitar a exposição dum moderno, estarrecer a «fiumática» assistência por ter deixado, no livro dos visitantes, este desabafo: «Só agora vi a espessura da alma, pela tinta».

Será assim, na verdade. O artista não enjeita, hoje, o quinhão do seu esforço para a melhor cordura entre os homens.

Mas a «arte social» não é, como muitos supõem, um topo de bandeiras. É um ressaibo vindo da angústia, uma inquietude efervescente nascida na alma, que envolvendo o artista, o assalta; é, enfim, a vida (ombro a ombro, sofrendo, amando, lutando), que se deixa desventrar pela sensibilidade do artista, e espera dois traços de biografia.

Demais, a Arte não pode conhecer outro caminho — nem outro fim: a conquista suprema da beleza.

É, como tudo irreal, a Beleza não se afeze por paixão. Rafael, Rubens ou Murillo, cada um em seu museu, têm, à porfia, excursões apressadas de turistas de todo o Mundo que, por esportúlio à entrada, se acham no direito de contactar as Belezas reclamadas nos prospectos do «Vagon Lith».

É, no entanto, qualquer deles, ao chegar o fim do trabalho, preso daquele ansio sagrado da perfeitabilidade, desejará recomençar — eternamente pintado, eternamente por acabar.

Estrela Faria alcançou, pois, por merecimentos reais, o justo prêmio do seu labor artístico. Os seus quadros reflectem sempre o ardor e o entusiasmo que ela tem pela vida. Dir-se-ia que, em cada quadro, fica, indelével, o traço vivo da sua personalidade de mulher. É uma artista que não precisa de elaborar cerebralmente. Sai-lhe tudo espontâneo, mas forte, pujante, encharcado de sol — ou amorosamente fresco, com folhas velhas do Outono caírem das árvores e sombras românticas, esquecidas, onde Cesário gostaria de meditar. As vezes, a sua personalidade não encontra, na feitura, a mesma linha de concepção. Na paisagem, por exemplo. Até nisso Estrela Faria é feliz. Não cansa, animando de pormenores. Enche o quadro de volume — a tonalidade da Natureza

forte — e as árvores, o céu, tudo quente, parecem brazeiros sobre a terra gretada, pobre, chão de charneca que a artista, num arrancesso, já não quis tratar.

O illustre artista Diogo de Macedo, que apresentou Estrela Faria no catálogo, aquando da exposição, rendia homenagens ao seu belo talento — e lamentava que uma artista daquele merecimento andasse arredia do contacto permanente com o público.

Serviu-lhe o incitamento, porque já este ano mandou trabalhos ao Salão de Arte Moderna, como dissemos, onde acaba de ganhar o «Prêmio Columbano».

Estrela Faria enfileira, assim, na vanguarda dos artistas modernos, que amanhã há-de projectar a arte portuguesa através das gerações.

M. M.



Retrato da poetisa Mercie de Louses.

Jardim de Luxemburgo, em Paris, um dos mais lindos quadros de Estrela Faria.

HISTÓRIA

DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

CAPÍTULO XXX

As conferências interaliadas

CONTINUAMOS a transcrever as passagens capitais do relatório do general Georges Marshall, chefe do Estado-Maior do exército norte-americano, sobre as reuniões de Casablanca e Washington realizadas, respectivamente, em Janeiro e Maio de 1943, nas quais foram assentes os planos que deviam conduzir à invasão da Sicília, à campanha de Itália e, mais tarde, em Junho de 1944, à invasão da Europa pelo ocidente. Esse relatório é o primeiro documento oficial em que são relatados esses acontecimentos, com o devido relevo, e por isso se nos afigura do maior interesse fazer dele uma larga transcrição para esclarecimento dos nossos leitores.

Completando as suas referências à vastidão das exigências que os americanos deviam satisfazer para que a invasão do continente europeu se fizesse, com êxito completo, num prazo de tempo relativamente curto, Marshall escreve: «Ao mesmo tempo que tínhamos de pensar e planear as instalações a construir em Inglaterra para prepararmos a invasão, devíamos proceder a preparativos

idênticos para, quando as nossas forças desembarcassem em França, neste último país. As instalações a construir ou transportar para França abrangiam depósitos, aquartelamentos, hospitais, vias férreas, pipe-lines, material para a construção e renovação de pontes, etc. Uma parte dos artigos necessários, por exemplo os que mais tarde serviriam para reparar rapidamente o porto de Cherburgo, encontravam-se já nessa altura depositados em território inglês.

Em Junho de 1943, prossegue Marshall, a corrente do envio de material para a Grã-Bretanha atingia já a média mensal de 790.000 toneladas, métrica que mais tarde foi elevada para 1.900.000 toneladas. Era, além disso, indispensável construir 3.780 barcaças de desembarque e 142 cargueiros de todos os tipos.

Por estas indicações é possível avaliar a natureza e extensão dos preparativos feitos nos Estados Unidos, e que são a gigantesca capacidade industrial deste país seria capaz de satisfazer, como efectivamente veio a acontecer. Mas, para isso, foi indispensável proceder, como o general

O general Marshall conferenciando com o general Eisenhower

Marshall revela, à mobilização total desses recursos numa atmosfera de guerra e de acordo com as regras de uma economia de guerra draconiana.

OS PREPARATIVOS ENCARADOS EM CASABLANCA PARA O GIGANTESCO ASSALTO AEREO QUE DEVIA CONSTITUIR O PRELUDIO DA DERROTA DO EIXO.

Nesse relatório o seu autor refere as condições em que foi planeado em Casablanca o gigantesco assalto da aviação anglo-americana que devia constituir o prelúdio da derrota do Eixo.

«Os chefes militares reunidos em Casablanca, revela Marshall, tinham a noção exacta de que uma tentativa de desembarque na costa ocidental da Europa era uma operação arriscada, a qual podia conduzir a um desastre irremediável. Por isso, resolveram diminuir as probabilidades desse desastre preparando um gigantesco assalto aéreo que devia diminuir a capacidade de resistência do Reich. Ao mesmo tempo esse ataque destinava-se a diminuir a sua capacidade de produção e o seu potencial económico para fins de guerra. Desde o início se tornou evidente que a execução de um programa desse género exigiria o emprego de tremendos meios materiais, tanto da parte dos ingleses como dos americanos. Esses meios incluíam o emprego de quantidades quase inverosímeis de mão de obra e de tonelagem, a qual seria para transportar para a Grã-Bretanha tudo aquilo que se fosse produzindo no território dos Estados Unidos. Nessas condições, o bombardeamento estratégico da Alemanha seria a mais gigantesca operação desse género alguma vez tentada. Os acontecimentos não fizeram senão demonstrar que a resolução que nessa altura foi tomada se justificava inteiramente.

De acôrdo com as linhas gerais que estabelecemos, os chefes das nossas forças aéreas receberam em Casablanca instruções concretas para intensificarem imediatamente o vigor dos ataques aéreos sobre o território do Reich, de forma que esses ataques passassem a fazer-se ininterruptamente de dia e de noite, a fim de que aos nossos inimigos não fosse dado qualquer descanso nem conseguida qualquer possibilidade para se refazerem do rigor dos golpes sofridos por virtude da actividade da nossa arma aérea.

Na ordem da prioridade das construções a realizar pela nossa indústria, os bombardeamentos pesados passaram, por isso, a ocupar o primeiro lugar, pois se tornava imperativo atacarmos directamente em território inimigo os locais onde se construíam submarinos, as fábricas de material e munições, as refinarias de petróleo e todas as oficinas, grandes e pequenas, onde se fabricavam engenhos de guerra».

NA CONFERENCIA DE WASHINGTON, EM MAIO DE 1943, FICARAM DEFINITIVAMENTE ASSENTOS OS PLANOS QUE DEVIAM AFESTAR A ITALIA DA GUERRA.

No seu relatório, Marshall refere-se pormenorizadamente à Conferência de Washington que, como dissemos,

se realizou em Maio de 1943, e à qual assistiram Roosevelt e Churchill, classificando-a como um acção de importância e consequências históricas. A esse respeito diz ele:

«Antes de ser desencadeado o assalto contra a Sicília, o Presidente e o Primeiro Ministro voltaram a reunir-se em Washington, no mês de Maio, com os chefes de Estado-Maior que os haviam acompanhado a Washington. Esta reunião foi uma das mais importantes de toda a guerra pela natureza dos assuntos que nela foram debatidos e também pelos resultados conseguidos com a sua realização. Finalmente, a sua importância aparece ainda assinalada por ter sido durante a sua realização que as combinações feitas entre os Estados Maiores inglês e americano foram devidamente reduzidas a condições chefes responsáveis dos dois países.

De maneira geral, pode dizer-se que, no reunião de 1943, decidimos suspender praticamente a elaboração de qualquer estratégia de grande alcance contra o Japão, dedicando todas as nossas atenções à liquidação das hostilidades na Europa pelo oeste, nos termos do presente continente. Foi em obediência a este critério que afastamos de assuntos de Itália e os seus estêlétes europeus.

Mas em Washington dedicámo-nos, sobretudo, a assentar os planos que deviam afastar definitivamente a Itália do número das potências que tinham de defrontar. Também foi em Washington que se estabeleceram os planos para o bombardeamento simultaneamente os jazigos petrolíferos de Ploesti, que constituíam um dos elementos fundamentais para a actividade da indústria de guerra alemã. O primeiro ataque em forma contra Ploesti foi desencadeado em 1 de Agosto de 1943 e levado a cabo por uma força de «Forças Voadoras», que sofreu ataques as nossas perdas foram pesadas, mas conseguimos realizar plenamente os nossos objectivos. O mesmo se deu actualmente da Roménia cerca de 3.000.000 de toneladas de carvão e esta cifra nunca mais foi igualada».

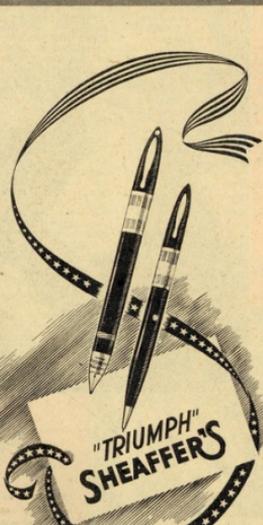
OS PLANOS RELATIVOS A INVASÃO DA EUROPA PELO OCIDENTE FORAM IGUALMENTE CONSERVADOS NA REUNIÃO DE WASHINGTON.

Terminaremos as transcrições do senacção relatório do general Marshall reproduzindo as suas referências sobre a natureza dos planos concertados a respeito da invasão da Europa pelo ocidente, que deveria ter lugar em 1944 e, mais tarde, em Junho de 1944:

«Na reunião de Washington, disse eu no seu relatório, foram definitivamente estabelecidos os planos para a invasão da Europa pelo ocidente utilizando os campos de batalha tradicionais no ocidente deste continente. Facilmente reconhecemos que, apesar de nos encontrarmos sob condições estabelecidas no Norte de África, seria impraticável qualquer operação que tentássemos no sentido de procurarmos invadir a Alemanha através dos Alpes. A barreira alpina revelara-se, em todos os tempos, intransponível aos exércitos que haviam pretendido atravessá-la».

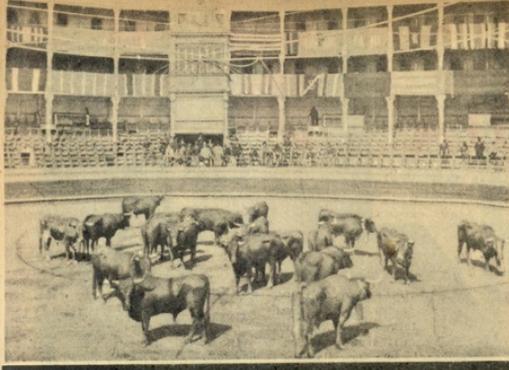
(Continua na pág 11)

DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL: AZEVEDO & DUARTE, L^{da}
RUA DO CUCUI, 10-15 - LISBOA - TEL-26297



QUANTO EÇA DE QUEIROZ ACHO QUE "GUERRITA" DEVIA SER REI DE ESPANHA...

POR FERNANDO DE EÇA LEAL



A velha Praça de Touros do Campo de Sant'Ana

A O ter há tempo no «Diário Popular» um excelente artigo do meu querido amigo dr. Saraiva Lima, um dos nossos mais discretos críticos tauromáquicos, sobre «Eça de Queiroz e as touradas», recordei-me de uma tourada nocturna do Campo de Sant'Ana, e de umas frases de meu primo Eça de Queiroz e de vezes depois, as ouvi contar a meu pai.

Essa corrida foi tão colossal, que ainda passados muitos anos se falava dela.

Meus pais, juntamente com meus tios, Gervásio Lobato e sua esposa, D. Maria das Dores Pereira e o caço Lobato, acompanhados de sua filha Sara, ambas felicemente vivas, alugaram um camarote. No do lado estavam meus tios Queiroz, com o seu



Vicente Roberto, Roberto da Fonseca, José Peixinho Júnior e João Roberto — um grupo de grandes toureiros!

filho José Maria, o escritor, e sua filha, mais nova, Aurora. A praça, iluminada por dois grandes arcos, com bicos de gás, oferecia um lindíssimo aspecto. No camarote real estavam Srs. Majestades o Rei D. Luís e a Rainha D. Maria Pia, com os príncipes reais D. Carlos e D. Amélia, e os infantes I. Afonso e D. Augusto, irmão do Rei.

Eu e meu irmão, muito novos, estávamos deslumbrados!

Encheite à canha, pois o programa era estupendo!
Espada: Rafael Guerra (Guerrita), que tinha principiado havia pouco tempo a sua gloriosa carreira, e que vinha a Lisboa pela segunda vez, mas já com uma grande reputação, e Funteret, muito afamado pela sua grande valentia.

Guerrita, de estatura regular, magro, muito novo, cabelo preto puxado para a frente, olhar vivo, vestia um fino traço verde e outro, Funteret, um pouco mais alto, elegante, de castanho e preto.

Cavaleiros: Alfredo Tinoco e José Bento de Araújo, que se apresentaram montados em belos cavalos. Tinoco, que pertencia a uma boa e conhecida família, era um rapaz muito distinto, sempre muito bem posto, um bom calca e um grande toureiro. Tinha um partido no público.

Antes de ser profissional tinha sido um distinto amador, e como tal toureado em muitas corridas de fidalgo.

José Bento de Araújo, de quem ainda hoje se contam histórias agradáveis, era um homenzarrão, encorpado, cara franca e risonha, bigodes muito frisados, simpático e boaval, e quando, com a sua força hercúlea, espetava ferros nos cachos dos touros, a gente tinha a impressão que os rachava!

O público gostava imenso dele. Tinha a mania de arranjar sempre números de grande sensação para os seus beneficios, nos quais fazia

estruondosos reclamos. Foi numa festa dele que se estreou Maestrik como artista tauromáquica, toureado a cavalo. Depois, mais tarde, apresentou outra «écuyère», a formosa Spanna, mas esta não deu nada. Era uma autêntica negação! E, depois, de muitas outras novidades que ele ia desencantar, lembrou-se, um ano, de convidar o seu grande amigo, o actor Alfredo de Carvalho, o mais popular dos actores daquela época, o impagável Lucas da revista «Im-tim por Im-tim» e «compères de quase todas as revistas do conhecido teatro de aquele género de teatro. Sousa Bastos, para ser o número senorial do seu beneficiario.

Foi ter com ele ao Teatro Avenida, e sem mais perguntas, disse-lhe a seguinte nup: «Alfredo, fica sabendo que conto contigo para entrares na minha festa, que se realiza de domingo a oito dias!».

«Tu não estás, com certeza, bom de cabeça! — respondeu-lhe, espantado, com o que acabava de ouvir, Alfredo de Carvalho — De mais, souvêr muito bem que eu nunca toureei!».

«Oh, homem, isso não tem nenhuma importância, porque eu enlento-te e arranjo-te um touro pequeno que não marre! Que mais queres tu? Garante-se que não marra!».

«Pois sim, isso tudo é muito bonito — atalhou Alfredo de Carvalho — mas imagina que o bicho naquela tarde se lembra de marrar! E tu ao veres-me a caminho da enfermaria lamentavas-me, naturalmente, dizendo: «Ora o que havia de ter acontecido ao pobre do Alfredo!». E eu, depois, no hospital, com os ossos num feixe, a gritar: «Raios partam o José Bento! Nunca mais o quero ver diante de mim!». Não achas que era bem triste que a nossa amizade de há tantos anos acabasse assim?».

Mas, vamos à memorável corrida. Bandarilheiros: os afamados Vicente Roberto, Roberto da Fonseca e seu sobrinho João Roberto, os Peixinhos, tio e sobrinho, o Calaboga, o José Bento, o João dos Reis Sancho e o Vicente Mendes (Pescadero), um epaño! muito alto, muito gordo, com um nariz de papagaio, que veio muito novo para o nosso país e aqui ficou toda a vida, o qual devido à sua respeitável competência, pregava constantemente ao público que o estimava, grandes sustos!

Gervásio Lobato dizia, nessa noite, a meu pai: «Quando vejo tourear este homem, tão parecido com o meu Director Geral, tenho sempre a impressão que é o Conselheiro Neves que está na arena com o capote na mão!».

Gervásio foi 2.º oficial do Ministério do Reino muito anos, mas raras vezes lá a repartição.

Quando lá appareceu com a sua tremenda alegria, a sua óptima dispo-



Gervásio Lobato

sição e a sua irresistível graça, era um dia de festa naquela casa!

As gargalhadas eram tantas com os seus ditos, que o Director Geral, no seu gabinete ao lado, ao ouvir aquella tremenda barulheira, disse sempre: «Já sei que está cá o Gervásio. Hoje ninguém faz nada naquela repartição!».

A tourada, realmente, foi esplêndida e admirabilíssima.

Os touros, do lavrador Carlos Marques, saíram bravíssimos. O trabalho dos cavaleiros foi primoroso, lendoso salientado Tinoco, que esteve formidável!

Bons senhores dos Robertos, câmbios de José Joaquim Peixinho, notável bandarilheiro, salto de vara de Rafael, bons pares de Calaboga, que foi colhido num dos seus touros, e excelentes brigas de Minuto e Pescadero. No intervalo, o público, num delírio indisciplinar, chamou à arena o lavrador, o empresário e todos os artistas. Mas o aceno da noite foi o trabalho colossal de Guerrita! Os seus passes asombrosos de capote, e as suas magistrais feições de muleta, endoeceram o público!

As aclamações e os aplausos não acabavam mais!

Uma verdadeira loucura!

Foi numa dessas ocasiões em que o público vibrava mais, que Gervásio, no meio daquela barulheira, entusiasmadíssimo, gritou para Eça de Queiroz: «Que me dizes a isto, José Maria, que me dizes a isto?».

Ao que Eça, cravando melhor o monóculo, lhe respondeu: «Digo-te, Gervásio, que na minha opinião este homem é que devia ser o Rei de Espanha».



Rafael Guerra (Guerrita)



Vicente Mendes (Pescadero)



Alfredo Tinoco



José Bento de Araújo

PÁGINA LITERÁRIA

por Alvaro Salema

DECADÊNCIA DA BIOGRAFIA

O gênero biográfico que conquistou extraordinária voga entre as duas guerras parece atravessar agora — é difícil prever se definitivamente — uma crise acentuada. O público abandonou o gênero antes dos autores e parece voltar ao romance como meio mais eloquente e justo de expressão humana. Para certos críticos o gosto da biografia, mais ou menos romanesca, relaciona-se com uma certa tendência cesarista, individualista e heroica, que pulpitava no período anterior à guerra. E o apelo das datas de hoje está muito longe de corresponder a essas solicitações da atitude individual e do poder do homem isolado perante o mundo — o apelo à grande massa dos povos para que eles próprios tracem o seu destino e o constroam pela força gregrária dos grandes destinos coletivos.

Outros gêneros de biografia, porém — os que se filiam no interesse por detalhes das condições memorialistas ou na sedução permanente da história para os que vivem ardentemente a sua própria época — terão o seu lugar influente na literatura dos tempos novos. Para esse se exigirá uma responsabilidade maior, porque os exemplos de uma vida ou de uma obra podem e devem imprimir mais fortemente o seu cunho na mentalidade dos homens que a biografia, por ser mais uma referência do resgate para todos. Nenhuma atitude na arte, no pensamento, na política, na vida social, desde que venha ligada à afirmação de uma personalidade merecedora de biografia, pode ser indiferente à genese do homem novo. E o biógrafo terá de ser, antes de tudo, muito sério, compreensivo e eloquente, para que a personalidade do biografado não se lhe esborde nas mãos tocas e à deficiência da obra não venha juntar-se a responsabilidade de ter traído a recordação de uma figura que se viveu ou admitiu. A biografia pode ser hoje uma morte, mas é necessário recompor o seu estilo e professá-la com grandeza. Quer não for capaz dela só tem que tomar o caminho do silêncio.

«A VIDA ROMANESCA DE TEIXEIRA GOMES», por Urbano Rodrigues

Teixeira Gomes ainda não encontrou depois da morte a repausação que a vida lhe negou. Morto no exílio, solitariamente, e no orgulho de uma velhice que não consente em mostrar os signos da decadência, seria de esperar que a sua memória de homem nobilitado e de artista enriquecido se elevasse, elevadamente de Actótes e Abranhos, Teixeira Gomes, alma de cristalinhas líricas e de experiências fantásticas e erráticas, teria direito a uma posteridade digna da elegância intançável que sobre ele, e não tem sucedido assim. O que sobre ele se publicou até agora, salvo exceções raríssimas e alheias, de resto, ao grande público, é muito pouco e muito mediocre.

O livro que lhe consagra agora o jornalista Urbano Rodrigues é o mais depravado dos exemplos. Para os que forem precisos dele uma vida e expressiva do escritor, do político, do esteta, do crítico, do viajante e lúscido profundamente vivido que foi Teixeira Gomes o resultado será tão desalentador quanto triste. Esta pretensão e leviana «vida romana» que lhe consagra Urbano Rodrigues, não passa de uma grande mistificação. Mistificação desde o título — porque não encontramos, em sequência dele, uma biografia coerente e elucidativa, mas episódios e retalhos de episódios pesadamente criados, medíocres quase todos na significação e, por isso, e por isso negando, em vez de elucidar, a vida que todos admiramos profunda e rica de Teixeira Gomes; porque nada tem de romanesco esta narrativa insulsa e sem grandeza humana, apesar da intenção pedante e quase sempre pitoresca com que o autor prefere não salientar a sua intimidade, em várias épocas, com a grande figura a que se presta este lastimável serviço; porque Urbano Rodrigues não possui a compreensão psicológica, o sentido de grandeza dos valores humanos, o estilo intelectual e literário capazes de aprender e exprimir a significação de uma vida como a de Teixeira Gomes. Quando muito, este livro poderia intitular-se «Alguns episódios da vida de Teixeira Gomes — e, desse modo, recuaria na modesta e acessível intenção que era a sua finalidade. Pelo caminho que tomou, Urbano Rodrigues compromete-se a depreciar a obra de que era capaz, e o que apegue formular ao fim da sua leitura, não é o que ela é ou a sua apreciação compreensiva mas um firme protesto.

Alguma coisa mais, no entanto, é preciso dizer. O autor parece não concordar, pelo que afirma no prefácio, com a publicação postuma de certas obras inacabadas e não revistas de Teixeira Gomes. Péssimo índice de compreensão e de gosto esta atitude, este critério — pois revela a impossibilidade de aprender o alto nível de espírito e de brilhantíssima expressão intelectual e lite-

rária de obras como «Loures Maranhilhos» ou «Ana Rosa», divulgadas depois da morte do grande escritor. Basta esse facto para se compreender o tempo de narrativa sem grandeza, sem fervor literário, sem estrutura intelectual, que se eloquente e sem humanidade, em que este livro se desentrou e não é capaz de falar ao artista, o empenho de se destacar e consagrar, que o autor deste livro fez ao publicar as obras inacabadas. Afirmações como estas: que Lord Grey pretendeu aquilatar por ele, que se tratava de um discurso parlamentar português; que, após umas leituras de obras de divulgação sobre o Império britânico, estava preparado para se aguentar com toda a espécie de interlocutores — será talvez, legítimo acarrinhá-las no refúgio da recordação discreta, mas não livro que se trate a público sob o signo de uma figura de impecável elegância espiritual como foi Teixeira Gomes.

Uma inteiramente fracassada nos seus altos desígnios — se chegou a publicar, não se trata de uma obra evocador, na expressão psicológica e histórica, «A vida romanesca de Teixeira Gomes», não passa de uma nota da incapacidade até agora manifestada para se compreender e sentir a grandeza de uma obra de Bougie.

«ENSAIO SOBRE O PARANÓISIA DE DUARTE DE MONTAEGRE», por Duarte de Montaege

A solidiedade, o conselheirismo, a ilação, a análise literária, o critério em Portugal o significado de instituições nacionais contra cuja mediocridade e falta de espírito se não pôde os esforços dos melhores. Se na maturidade ou na velhice estes efeitos entrados no espírito e na vida do país podem ter, muitas vezes, um significado cómico e emburra de um cômico trágico sob outra perspectiva — na juventude afirmaram-se simplesmente grandes. E jovens ainda, pelo que se lê neste ensaio, o autor deste «Ensaio sobre o paranóismania brasileira» foi um dos maiores literários, nas atitudes intelectuais e na maneira de escrever, para encher uma existência inteira de conselheiro «avant la lettre».

Estudioso persistente e esforçado, empenhado em ser conselheiro, documentação segura para os seus trabalhos e em reflectir com crítico e espírito de observação sobre as ideias firmes, Duarte de Montaege compromete muito dos seus desígnios pela inapropriação de uma auto-afirmação do seu estilo. Defeito de formação universitária mal condizente com o que é bastante típico entre nós — ou índole de inteligência que não se afirmou no contacto com os expressões elevadas e sérias do pensamento e da arte, o certo é que o autor deste ensaio tem muito a modificar na sua orientação intelectual e expressão literária.

Apesar disso — ou que por isso mais surpreende — Duarte de Montaege possui inegável talento intelectual e originalidade de espírito em muitos pontos de vista. A definição do carácter especial do historicismo brasileiro, o interesse e nitida, as referências originais aos parnasianos e simbolistas portugueses, a análise e apreciação das interações filosóficas dos fenómenos literários abrem perspectivas felizes, embora discutíveis, e que merecem que se suscitam. Com um esforço de auto-correcção intelectual bem orientado, o autor deste ensaio sobre o paranóismania brasileiro poderá tomar lugar apreciável na literatura crítica portuguesa.

«NEM TUDO SE PERDE NOS ARS», por Olavo de Eça Leal

Olavo de Eça Leal, cuja vivacidade e originalidade de espírito nos sugerem pretensões negar, tem o máximo defeito de ignorar manifestamente a distância entre o que se diz e o que se faz.

(Continua na página 16)

LIVRARIA ECLETICA
LIVROS NOVOS E USADOS

Compra grandes e pequenas bibliotecas

Calçada do Combro, 58 — LISBOA

GEORGES
DUHAMEL
E O PENSAMENTO
EPIGRAMA
FRANÇA

AGOSTINHO
A CORDA
DO PAPEL

ENQUANTO durou a ocupação alemã e do esforço de restauração da França só tinham conhecimento certo os que lutavam e morriam por ela. Georges Duhamel foi um dos mais tenazes defensores da continuidade do seu prestígio espiritual. Era no tempo em que Paul Valéry já próximo da morte, lhe confessava com desalento: «Nós, escritores, nunca mais nos poderemos apresentar fora do França».

Duhamel não o entendeu assim. Logo que as circunstâncias o tornaram possível, multiplicou as suas viagens de mensageiro do espírito francês, contribuindo com entusiasmo e fé para que reassurgisse a confiança no espírito da nação mais representativa da liberdade. No Canadá, um público fervoroso e arrebatado proclamou-lhe um dia: «já nos sentimos outra vez mais franceses do que os próprios franceses»; nos Estados Unidos, representantes de várias correntes da opinião pública afirmaram: «Sentimos um grande orgulho pela França e nem precisamos de saber porquê». E foi com êmulo

que ouviu recitar a Ingleses poemas de Rimbaud e Mallarmé, com espiciosa exactidão, e viu em poder de um diplomata, que o guardava com precioso símbolo, um manuscrito de Georges Bernanos.

Regressado à França, Duhamel afirmou, recentemente, que a interrogação mais viva que encontrou pelo mundo — respeito a sua pátria — foi sobre as evocações de Versalles ou de Reims, sobre a tradição da França que tempo ultrapassam, mas sobre o destino renovado que ela está a construir, erigindo-se das ruínas e das cinzas do passado. E essa aspiração veemente de futuro e de inovação que Georges Duhamel adere calorosamente, porque reconhece nela a certeza do ressurgimento da França como inspiradora dos novos tempos e reconstrutora da dignidade humana. E a Valéry, no título que a França lhe consagrau, quer Duhamel afirmar que a pátria resgata-se e reconstrói no mundo e sobre lugar que a cultura e a dignidade humana lhe asseguram.

* Agostinho da Silva, ausente do país, recompeu de longe a publicação dos seus estudos de antologia e inleção. Pelo grande significado intelectual, moral e pedagógico da obra que tem vindo a publicar, persistentemente, Agostinho da Silva tem na vida literária e social portuguesa um lugar de excepção. Os seus livros «Cordões» consagram generosamente.

* Círculo de leitores. Versos de Alfredo de Azevedo, é um testemunho das possibilidades da poesia moderna e de que se podem estabelecer ainda com sinceridade e calor. Os seus versos atingem por vezes o nível de um grande poeta. O seu expresso da vida interior é confuso ou frouxa. Obra de lirismo manifestamente encefalocrónico e carecendo de originalidade forte e mais cuidado formal — justamente por se saber o caminho que o poeta adoptou.

RÁDIOS DE SOM MARAVILHOSO!



CADA
José Costa
ABRIL ESPECIAL DE
TOM E BOM
RADIO
RUA DE S. PAULO, 11-13/LISBOA/TEL. 2 4889

MAYÁ
O FIGURINO DA MULHER ELEGANTE



O ALBUM DE MODAS
QUE AS MULHERES
PORTUGUESAS MERECEM

SPA — Rua do Alecrim, 43, 1.º - Lisboa

Editorial Organizações
Largo Trindade Coelho, 9, 2.º - Lisboa



O gabinete do Sr. Sá Carneiro, primeiro-ministro, com os membros do Conselho de Ministros no Palácio da República.



Agenda do Sr. Sá Carneiro, primeiro-ministro, com os membros do Conselho de Ministros no Palácio da República.



O Sr. Sá Carneiro, primeiro-ministro, com os membros do Conselho de Ministros no Palácio da República.



A Sr. Sá Carneiro, primeiro-ministro, com os membros do Conselho de Ministros no Palácio da República.



A Sr. Sá Carneiro, primeiro-ministro, com os membros do Conselho de Ministros no Palácio da República.

A VISITA
DO
"DUQUE
DE
CAXIAS"

O Duque de
Caxias, em
Lisboa, visitando
o Palácio da
República, com
o Sr. Sá Carneiro,
primeiro-ministro.



O Duque de Caxias, em Lisboa, visitando o Sr. Sá Carneiro, primeiro-ministro.



Um desfile militar em honra do Sr. Sá Carneiro, primeiro-ministro.



Um desfile militar em honra do Sr. Sá Carneiro, primeiro-ministro.

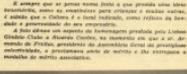


Um desfile militar em honra do Sr. Sá Carneiro, primeiro-ministro.



UMA HOMENAGEM
A RICARDO COVÕES

Ricardo Covões, o primeiro-ministro, em honra do Sr. Sá Carneiro, primeiro-ministro, com os membros do Conselho de Ministros no Palácio da República.



Um desfile militar em honra do Sr. Sá Carneiro, primeiro-ministro.



Um desfile militar em honra do Sr. Sá Carneiro, primeiro-ministro.



Um desfile militar em honra do Sr. Sá Carneiro, primeiro-ministro.

POBRES DE PEDIR



O cão da herdade, que dormitava no sol, zangou-se e ladrou à chegada do pobre. Geralmente, os cães das herdades não gostam de ver farrapos.

I

Está em plena acção o movimento de Socorro Social, obra que não pode deixar de merecer a todos os portugueses a melhor atenção — e o melhor aplauso.

Socorro Social para acudir a tanto desperdado da fortuna — para todos os que precisam. Para todos, sem distincção de credos religiosos ou políticos, sem outra intenção que não seja o combate à miséria e ao infortúnio. Só assim, com a divisa — «Faz para todos os portugueses», ele poderá satisfazer os que dão e cobrir-se das bênçãos dos que recebem — portugueses, como nós, que arrastam, na terra que pisamos, a sua cruz.

II

— Ó mãe! É um pobre que está batendo, a pedir esmola!

A mãe olha as poucas moedas espalhadas à beira da mesa tosca da cozinha, verifica, num rápido balanço, que elas não chegarão para a despesa diária, mas, enquanto assim pensa, maquinalmente deita a mão a uma moeda e dá-a ao garoto, que corre radiante, a entregá-la ao pobre...

É assim, a boa gente portuguesa. É assim, marcada dessa generosidade, que centenas de meninos vivem, por esse país fora, de estender a mão à caridade.

Quantos serão sinceros no pedir e quantos não terão, ao canto da serra ou escondidos no forno da enxerga miserável, as boas noitas de Banco precisas a um resto de vida sem necessidades?

É difícil diferenciar o bom do mau mendigo. É, na incerteza, todos damos, que o coração dos portugueses é generoso e bom — e se mais não damos é porque mais não temos...

III

Acompanhe-nos, leitor, numa volta pelos arredores da capital.

Pelas estradas, pelos caminhos, há sentinelas que a Miséria colocou, para dizer à quem vem lá, que os seus exércitos andam perto. Aquela velhinha, que se arrasta ao longo da estrada que, como a sua desgraça, parece não ter fim, é um símbolo. Segue oútlómetros, encontra vivendas mas sabe que mais adiante, numa hvilta encontrará acolhimento e procepção. E segue — enquanto Deus quiser que não alcance o seu cávão.

Aquele alejado, que ronda a porta da herdade, parece esperar que o cão de guarda esteja distraído, para forçar o portão e mendigar a esmola dumá sopa...

Sigamos em frente, leitor. Por toda parte há e haverá miséria, que a vida é feita de contrastes e chega a pensar-se se, para existirem ricos, é absolutamente necessário que a pobreza não acabe.

Olhe conosco, leitor. Mães andrajosas esmolam, levando ao colo crianças sujas, que entre a miséria e o asseio parece não existirem sólidas e cordiais relações. Mães que também têm a sua cruz, e a conduzem nos braços e a mostram a quem passa, como motivo de dó — e de caridade.

E repare que aqui, nos arredores da capital — Loures, Pinheiro, Barro de Loures, Lagarico, Tojalinho — repare que quase todos dão.

Lençóis mais pequenos que as que colhem os mendigos da cidade!

Talvez. Aqui ganhasse pouco e o único automóvel que lhes é familiar é o carro dos bombeiros, que não pode sair porque não tem pneumáticas...

Mas esmoladas dadas de boa vontade — que a gente das aldeias, porque vive pobre, sabe melhor compreender as palavras da pobreza...

(Continua na página 14)



— Ó mãe! É um pobre que bate a pedir esmola! A mãe dá-lhe uma moeda, e o miúdo alegre-se de poder fazer bem!



No Alentejo, em burros emprestados, estas crianças andam quilómetros esmolando. É claro que o dono do burro deve ter, no fim, a sua comissão no «negócio»...



Envelheceu a pedir...



Pobreza envergonhada! Um mendigo que não se deixou fotografar!

QUARESMA DA GLORIA

QUARESMA

A terça-feira gorda, último dia de Carnaval, sucede quarta-feira de cinzas — o primeiro dia de Quaresma. Depois de Arlequim — São Tomás de Aquino, Colombina já não ri; numa vaga névoa melancólica, abre o seu livro de orações — e reza. Em vez de ser penitente que se aliram desafiando-se, num sonho pelo ar, há agora flores roxas que se desfolham tombando, tristes, pelo chão. Terminou, oficialmente, a folia; vai começar, oficialmente, a penitência.

Quarta-feira de cinzas, início da Quaresma, representa, nos domínios religiosos, a intercepção de dois ciclos. Depois da vertigem em que, liturgicamente, se concedem à matéria os seus direitos, inicia-se o período de sete semanas em que se procuram revogar as nossas culpas, numa devota contrição. «*Memento, homo, quia pulvis est et pulverem revertaris.*» Lembra-te, homem, que és pó e em pó te há-de tornar! Quarta-feira de cinzas, que ontem passou, veio recordar-nos, de novo, na sua expressão simbólica, que a

vida não é mais do que uma chama transitória — que se apaga, tantas vezes, pouco depois de se acender. O que nos resta? O céu. Mas para alcançar o céu não basta o desejo; é necessário o sacrificio. A Quaresma é a castidade, o jejum, a penitência — o sacrificio, enfim. Constitui, por consequência, o caminho para a bemaventurança. Mas — perguntar-se-á — a humanidade não suporta já hoje o bastante em sofrimentos e em desilusões (já não fazo no jejum) para lhe poderem ser dispensados outros sacrificios? Será ainda necessário maior penitência para que o pobre mortal possa alcançar no além-túmulo aquele bem-estar e aquela tranquilidade que não conseguiu alcançar em vida? Dizia um velho acetia do século XVIII que todos os sacrificios eram poucos para alcançar a gloria divina. Se esse acetia vivesse a hora presente, com todas as suas preocupações, talvez se julgasse a ele e a todos nós, com seguro direito — pelo menos a umas azas de anjinho celestial.

VIDA CARA

Uma manhã destas, um preto bateu à porta de minha casa.

— Desejam açucar?

Por descargo de consciência, mandei perguntar a como vendia o quitto.

— Dezassels escudots?

Aciet caro. Não quita, que haja o «mercado negro» já é inexplicável; que haja um mercado duplamente negro — é simplesmente afrontoso!

A CONSULTA

O nosso amigo Perdigão Matias, sentindo-se mal, foi consultar um dos nossos médicos de má fama — perdido. — de mais fama. O médico viu, examinou, apalpou e concluiu por dizer:

— A sua doença não tem importância alguma. Não me dá o mais pequeno cuidado.

Logo o Perdigão, franzindo o nariz:

— O mesmo diria eu, senhor doutor, se V. Ex.^a fosse o doente — e eu o médico...

ACTIVIDADE

Damos uma indicação, tanto quanto possível aproximada, dos lugares que desempenha o sr. António Maria Pereira, conhecido editor:

a) Presidente do Grémio dos Livrelros.

b) Vereador da Câmara de Lisboa.

c) Presidente da Tertúlia Eilípica (?).

d) Presidente do Conselho Fiscal do «Benfica».

e) Membro do Sindicato dos Comerciantes.

f) Sócio do Rádio-Clube.

g) Sócio do Clube Radiofónico.

h) Digníssimo mordomo da Irmandade da Senhora da Rocha.

i) Etc., etc., etc...

Isto não é um homem: é o País!

«PATAMAR»

Guedes de Amorim, senhor do seu nariz e de alguns bons livros, publicou agora um sugestivo volume de contos a que deu o título: *Patamar*. Rico simbólico. Todos sabem o que é um patamar: é o espaço mais ou menos amplo, no topo de uma escada ou de cada lance de escada. Isto arquitectonicamente, porque, socialmente, o patamar é o inquilino, o pedestre, vianhanga, mistério, o crédito — o mundo. Rico símbolo, amigo Guedes de Amorim. Marque lá duas lá pretal!



Adelino Mendes

Em certas tardes um sujeito baixo, entroncado, com uma face ao mesmo tempo irónica e austera, um chapéu mole que não é positivamente o de D. César de Bazan, espavento e flameante, e um sobretudo lançado sobre as costas num ar de indiferença ou de boémia, desce o Chiado, vindo do «Século», para um instante na mostra da *Bertrand*, dá mais uns passos e entra na livraria. Não será, em linguagem académica, um dos sócios efectivos da tertúlia da casa, mas é um dos seus sócios de mérito. Chama-se Adelino Mendes — nome simples, sonoro, acessível, sem atribulações ortográficas como tantos outros. Adelino Mendes — quem metido nestas coisas o ignora? — é um dos nossos excelentes jornalistas. Escreve bem, exprime-se com nitidez e toca todos os assuntos — desde a política à paisagem. Possui uma paleta riquíssima em tons, que vai do escuro violento ao azul esplendoroso. Muitos dos seus artigos de fundo, ainda que abordando problemas políticos ou económicos, dão-nos a impressão nítida de quadros a óleo. Quer dizer que o jornalista é, simultaneamente, um homem de letras — o que nem sempre sucede. Adelino Mendes acumula. Com a mesma facilidade com que no «fundo» do Século aborda graves questões sociais — trata de casos literários, conta anedotas, faz conferências e escreve livros — como essa *Espérida Viagem* (a sua última obra), em que a Natureza sorri, canta, explende como uma grande romã aberta ao sol. Mas Adelino Mendes não é apenas jornalista e homem de letras: é também jardineiro. As suas flores preferidas são sardnheiras e rosas. Em sardnheiras possui centenas de espécies; em rosas cultiva, em particular, uma variedade: a dos *Roses* do «Século»...

CARICATURA DE SANTANA
VINHETAS DE BORGES DE ARAÚJO

Pobres de pedir

(Continuação da página 12)

IV
Na cidade, quase todos os pobres arranjaram «pólos» certos. Encostados a uma esquina, junto dum banco ou dum escritório comercial de grande movimento o muito pessoal — eles já sabem escolher o melhor e mais rendoso sítio. E há quem jure que já se têm feito entre pobres, «trepassaes» importantes de locais bem «refreguesados».

Mas isso são negócios entre matos pobres, que enquanto para uns o pedir é indústria e vício, para outros é vergonha e fôl — e lágrima. Apesar da sua vida agitada pelo trabalho e pelas diversões, vida cujo ritmo cada vez é mais acelerado e forte, nem por isso a gente da cidade deixa de cumprir os seus deveres de solidariedade humana.

Não falamos, claro, naqueles batões de caridade em que umas centenas de rapazes e de raparigas de Sociedade se sacrificam a andar uma noite inteira a estafarem-se no esmagado — só para fazer bem à pobreza...

Referimo-nos aos que, na rua, abandonam a sua marcha apressada a caminho das suas ocupações, para procurar na algebrá a moeda que pode ajudar a coxugar uma lágrima. É certo que alguns ricos, porque andam de automóvel, não podem ser tão solícitos a parar a cada mendigo que vêem... Mas os remedidos, que são, afinal, quase todos os que nem se conseguem remediar, essas não sabem esquecer-se da pobreza...

Há os pobres lamurientos, que gritam alto a sua desdita como se quisessem ser ouvidos no céu; há os sóbrios, que limitam a uma frase curta, mas expressiva — «uma esmolinha, por amor de Deus» — o seu apelo ao mundo, e existem os «pobres envergonhados» — como se fosse vergonha ser-se pobre num mundo que não sabe ser rico de Caridade!

Esses mal pedem. Mal movem os lábios ressequidos numa súplica que chega a confundir-se com uma prece. E há, mesmo assim, quem os oiça — abençoados corações!

Casais de velhinhas que arrastam ainda, em restos de farrapos, antigas pompas.

Velhinhas esfarrapadas, que conservam, sobre os andalços, um incrível chapéu — do tempo em que muitas senhoras ricas, que hoje não reparam nelas, usavam lenço...

ANTINIL NAZARE

História da Guerra

(Continuação da página 9)

Assentamos, portanto, em realizar um desembarque no ocidente da Europa, escolhendo o território francês para darmos a batalha que deveria decidir do futuro do continente europeu. Foi marcada a Primavera de 1944 como data provável da realização desse empreendimento. O general Eisenhower recebeu instruções para estar preparado a fim de poder seguir para Inglaterra no dia 1.º de Novembro a fim de assumir o comando das divisões que nessa altura ali deviam estar concentradas.

Uma parte dessas divisões devia ser constituída pelas forças que ainda se encontravam no Norte de África e que deviam ainda combater na Sicília e numa possível campanha de Itália.

Quando deixámos Washington, eu e o chefe do Estado Maior britânico, general «Sir» Alan Brooke, seguimos para o Quartel General de Eisenhower, com quem tivemos uma série de conferências que se prolongaram desde o dia 29 de Maio até ao dia 3 de Junho. O general recebeu instruções para aproveitar todas as oportunidades que se lhe oferecessem a fim de executar os planos em que havíamos assentado. Em Argel, onde estas conversações decorreram, foram examinados os pormenores da nossa próxima campanha na Sicília. Mas ficou claramente assente que o prosseguimento da luta no Mediterrâneo qualquer parte dos recursos que tinhamos taxativamente preparado para o desembarque no ocidente quando chegasse o momento de o realizarmos na Primavera do ano seguinte.

(Continua)

SE QUER CONHECER TUDO O QUE SE PASSA NO MUNDO, NA POLITICA, NA CIENCIA, NA TECNICA, NAS ARTES, NA LITTERATURA ATINGIRÁ O SEU OBJECTIVO



LENDO TODOS OS SÁBADOS

Vida
DOCUMENTARIO DA IMPRENSA

UM JORNAL QUE VALE POR MUITOS JORNAIS • UM JORNAL QUE É UM MUNDO 16 PÁGINAS ILUSTRADAS ~ 1 ESCUDO

CAUSAS DO PROGRESSO

(Continuação da página 13)

Hoje, qualquer falano não empresta dez escudos sem um documento, já o D. João de Castro, que era honrado, quis deixar os barbns de penhor.

Essem hoje fazer isso, Riam-se, senhores, riam-se. E porque? Porque o homem já não acredita. A mentira é a deusa das ocasiões — é o artifício mais fácil para o homem poder viver. A realidade já pouco comove. O mendigo estufurado inventa a ferida, debaixo dos trapos, para entreter-se.

Com as carnes à mostra, sem ao menos uma chapa, é vulgar. O próprio sofrimento tem de ser original.

Já não interessa um desgraçado sem as duas pernas — é mais gritante para a esmola um fenómeno com três braços ou metade duma cabeça.

E é assim, senhores, que quando o homem contos a mentir — se inventou o papel selado... para dizer que a verdade tanta mentira!

MANUEL MARTINHO

PASTA MEDICINAL Couto
TRATA TODAS AS DOENÇAS DA BOCA

- Medicinal pequena — tubo 1780
- Medicinal grande — tubo 17850
- Vulgar pequena — tubo 4800
- Vulgar grande — tubo 7800

APRENDA RADIO
POR CORRESPONDENCIA, PEÇA FOLHETOS GRATIS

ACADEMIA NACIONAL DE RADIO
A. DR. MANUEL LARANJEIRA, 12 - PORTO

Tika MATA
PERCEVEJOS BARATAS PULGAS TRACA

A VENDA EM TODA A PARTE

Caixa pequena..... 3500
Caixa grande..... 8800
Dep.º: COUTO, L. da - Porto
L. S. Domingos, 108

MONTEGIL
MAQUILLAGE PERFEITA COM PÓ DE AROZ E ROUGE «MONTEGIL». DOIS PRODUTOS INEGUALÁVEIS.

PELARIA CARLOS
RUA AUREA, 34-38 ~ LISBOA ~ TELEF. 2 0244
Especializa em vivros de escruturação e Artigos de escritório

AUSAS DO PROGRESSO

TODA a gente se vê hoje, a propósito de tudo, envolvida em papel selado. Começa logo, à nascença, no registo, com os emolumentos da certidão de casamento, e, depois, gradualmente, o homem vai sendo envolvido nessas folhas — até morrer, com o duto, atestado pelo médico e reconhecido no livro do tabelião. O vício do requerimento tornou-se, oficialmente, uma obrigação. Ninguém pode dar um passo sem o antecedente papel selado à frente, a paratir certas regalías.

Sua Majestade o Papel Selado, impera em tudo. Não se unem dois corações sem um selo fiscal — nem se pode ter um advogado, sem emolumentos. Se o homem pensa em viajar pelo estrangeiro, antes mesmo de pensar nas malas deve manifestar duma resma de papel. Começa por pedir ao Governo Civil para acabar na dos passaportes.

Se é certo o uso do papel selado trazer ao requerente a grande vantagem duma legalidade — também é verdade que traz um prejuízo ao bolso. Calcula-se, por alto, numa estatística, que um proprietário bem relacionado com as estâncias oficiais — isto é, proprietário — durante cinquenta annos de existência foz duzentos e trinta mil requerimentos — e outras tantas reclamações... em papel selado.

Sabe-se, também, que no Paraíso, no tempo de Adão e Eva, por não haver papel selado os requerimentos eram feitos em folhas de videira — o que tinha o grave inconveniente das reparafolhas serem autênticas heranças.

O uso do papel selado hoje — desgovernando-lhe o bolso. Hoje está em moda que há repartições modernas que só aceitam as folhas clarapões em vez de papel acinzentado, cor de violeta, em duas azas com o selo fiscal. E há-de chegar um dia em que as próximas assinaturas terão de ser reconhecidas, no notário, com duas testemunhas idóneas. E está certa essa medida. O homem não vive mais do que um tributário das pautas económicas. Como ser, implicitamente, pago. O benefício da vida tem de ser, implicitamente, pago. Não vimos ao mundo para ocupar um espaço vital. Mesmo que se ande de estômago vazio — ingerirse ostentivamente, pago. Quanto pagamos pela vida? Nada. Ora tudo isso é mais do que um tributo da vida tem de ser pago. Ainda a burocracia celetstral se não lembrou da taxa de turismo, porque se ela um dia apparece com força de decreto, não temos outro remédio senão pagar.

O homem habituou-se ao papel selado. Foi a própria falta de confiança uns nos outros que tornou eficiente esse processo. O papel comum é só para emburralhos — ou para se contar coisas à família, em cartas. De resto, qualquer insignificante negócio terá de ser assim tratado, com selos e paratuzos — e os emolumentos à margem.

Os homens antigos tinham um grande orgulho na palavra.

(Continua na página 14)

DR. VEIGA SIMÕES NOVO MINISTRO DE PORTUGAL NA CHINA



O novo ministro de Portugal na China é o dr. Alberto de Veiga Simões. Lugar de grandes responsabilidades nesta hora crucial do mundo, o antigo ministro dos Negócios Estrangeiros — dos mais notáveis, pela obra reformadora que realizou, que temos tido durante a vigência do regime republicano — val ter certamente ocasião de pôr mais uma vez as suas altas qualidades de inteligência e prestígio pessoal ao serviço do país, marcando mais uma etapa na sua brilhante carreira diplomática.

O dr. Veiga Simões, que é um velho

amigo do nosso director, circunstância que nos leva a felicitá-lo duplamente — como amigos e admiradores — pela sua nomeação para as novas funções para que o nosso Governo entendeu designá-lo, encontrava-se na disponibilidade desde que, já durante a guerra, havia deixado de exercer o cargo de ministro de Portugal em Berlim.



Um aspecto do «Noite Hunnara» realizado, há dias, em Lisboa. Feste do arte e de elegância, a ella acorreram algumas das figuras mais representativas do nosso meio social e politico. Entre a assistência, o sr. governador civil de Lisboa.



O general George Marshall, chefe do Estado-Maior americano e novo embaixador na China, conversando com o generalissimo Chiang-Kai-Chek e sua esposa, após a sua chegada a Nankin.

[Serviço «Internacional News Photo», exclusivo para «Vida Mundial Ilustrada»]

O LIVRO DO DIA

URBANO RODRIGUEZ

AVIDA ROMANESCA DE TEIXEIRA GOMES

EDITORA MARITIMO-COLONIAL, LDA

- ♦ POLÍTICA E DIPLOMACIA ♦
- ♦ AMORES E VIAGENS ♦
- ♦ SONHOS E DESILUSÕES ♦

Editora Marítimo Colonial

RUA DO COMÉRCIO, 8 — LISBOA

Ano da Guarda

(Continuação da página 8)

conta, e tudo com a maior tranquilidade. Os outros protestavam. Que esperariam até no outro dia pela abertura do Banco. O sr. Vega levava a mão à cabeça: «Peco-lhes, meus senhores! Tenho horror às dividas! Peco-lhes desculpa de não voltar a jogar enquanto não receber fundos. Devia ter trazido mais. Dar-me-ão a desforra dentro de alguns dias». E extraordinário este homem!

— Duzentos e dez mil francos! — exclamou Marieta. — Duzentos e dez mil francos perdidos em dois dias! — Que é isso? — Voltou o porteiro. — Que é isso? Já temos visto aqui pessoas que gastam sem contar. Já vi uma partida entre um maraja e um quinzealheiro de Chicago... E começou uma história que Marieta não ouvia... — E quem lhe ganhou esse diabinho? — Ora, outros tão ricos como ele, com certeza. Olhe, lá está um em batco, aquele balístico, gordo, de cara cor de tijolo. É um brasileiro que tem não sei quantos milhões de hectares de café no seu país. O outro, aquele alto, é um argentino que tem um Rolls-Royce de seis lugares, todo branco... Esse tem milhares de bois queanca no panto verde. Ora, ora! Jogo de milionários, menina. Não se diverte como a si ou a mim, ganhante sem francos nas corridas de cavalos!

Marieta sentiu-se mal. Tanto, que se atreveu a articular umas palavras ao sr. Vega.

E o sr. Vega tem um sorriso malicioso. — Que quer, minha filha? Sou um doente, o meu fígado obriga-me a dietas, não posso ser por falta de dieta. A Providência concedeu-me muito dinheiro para me distrair... perdendo, suponho eu.

E acrescentou: — Não se assuste. Espero um telegrama do meu administrador anunciando-me a venda das minhas propriedades em Espanha. Voltarei a jogar e ganhará a partida. Até aqui tudo acabou sempre por ganhar!

Marieta sentiu-se um pouco mais sossegada. Durante quarenta e oito horas, o sr. Vega restituiu aos pedidos dos seus parceiros — os senhores Rodrigues Madeira, o brasileiro, e Luis Gutierrez, o argentino — que estavam com ele para que jogasse sob palavra. Tinham confiança... Todos esperavam.

O sr. Vega abriu o telegrama com mão febril. — Foi um preço razoável, meus senhores. O Crédit terá dinheiro daqui a quarenta e oito horas. Se cá estiverem ainda... Um côro de protestos... Jogaremos ainda esta noite! O sr. Vega acabou por accetar. Fora de si, Marieta teve, de repente, uma ideia.

— E se este argentino e este brasileiro fazem batota! — Não lhe dizia eu que não se inquietasse com seu patrão? O telegrama anuncia que lhe venderam as propriedades por dezasseis milhões! Que tal?

— Ou quê? Abriu o telegrama? — Nessa altura chegou Pedro: — Hoje não há passelo! Hoje, só jogo!

E acrescentou: — O patrão diz que hoje não presta. Mas... — Sim, tem medo de que eu lhe faça observações. Não gosta. É natural... Mas que não diga Alfonso se o pai perde assim milhões?

— Voltou ao hotel para jantar. No pequeno salão a partida continuava ainda. O porteiro fez-lhe um sinal. — Já ganhou outra vez as duzentas notas! Foi incrível... No fim de três horas, calculei! Não ganhou nem mais cinquenta, mas acabou agora de perder tudo! São três mestres!

Meto contente, meto desvalhada, mas não foi o caso. Voltou-lhe o optimismo. O galá parecia-se com

Alfonso. No fim do filme percebeu que, através do sr. Vega, estava apakonada pelo filho... por aquele rapaz que mal tinha visto nessa noite negra e chovosa...

Sonhou toda a noite que Alfonso lhe falava naquela voz quente, bem timbrada, que a tinha restituído à vida, curada de André... Ah! Sim, tinha sido bem um anjo da guarda! Muito mais do que ele próprio supunha!

Troux a mala de mão uma fotografia de Alfonso, uma fotografia que supunha ser a sua. Era uma má prova para passaporte, encontrada uma tarde na almofada da cadeira de rodas. Devia ter caído da carteira do sr. Vega. Em vez de lhe entregar, Marieta tinha guardado.

Marieta esteve detida até às nove horas. Troux a detida preguiça uma pancada na porta, que se abriu sem que elle respondesse. Um homem dos seus quarenta anos apareceu: — Policial!

— Como? Mas... — Sou inspector: aqui está o meu bilhete de identidade. Queira responder às minhas perguntas. — Certamente!

E o inspector interrogou-a sobre a maneira por que tinha entrado ao serviço do sr. Vega. — Tomavam-na por ladra! Na sua indignação, contou tudo. A sua própria história, a cena da exploração de Monte-Carlo. O inspector ouviu de sorriso nos lábios.

— Pode descrever-me esse sr. Alfonso que a mandou aqui? — O quê, ainda suspeita? Que terel eu roubado ao sr. Vega, que tinha sido tão bom para mim? Quanto ao sr. Alfonso, esse salvou-me a vida. Olhe, aqui está o retrato dele.

O inspector guardou-o, satisfeito. — E bem ele! Conhecho pelos nomes de Robert du Crusset, Archibald Winton, Ramon del Rio, «Iordi» Mac Lean, «Carcam» famoso desconhecido! — O quê? Alfonso?

— Alfonso ou Vega, é o mesmo, um grego? — Um grego? — O rei dos hotelotes os «spokers», meninas! Fala cinco ou seis línguas e disfarça-se admiravelmente. Muito inteligente, comediante maravilhoso, só se dá com milionários... para os deparar... Nunca pudemos apanhá-lo! Todas as estancias balneares o conhecem, mas foi esta a primeira vez que adoptou o estratagemá do velhinho!

— E roubou muito? — Ganhou entrentoentos mil francos nos dez jogos que me perdeu para «atrapalhar». Desapareceu esta manhã, deixando no quarto dois sobrescritos, um com dinheiro para pagar o hotel e outro para si. Aquel o tem... Contém — permitte-me a liberdade de o abrir — quatro mil francos de honorários e um bilhete de caminho de ferro para Dijon, e caso para dizer «Generoso como um ladrão!». Enfim, como disse a verdade, não será incomoda.

— E ele? — Ele? Se for apanhado, está servido! Nesto caso, nada a fazer, como já explicou aos srs. Madeira e Gutierrez... Se não tem pago a conta do jogo, o caso seria diferente. Mas conhece o código como um advogado, o maroto!

— Calem grandes lágrimas pelas faces de Marieta. O inspector encolheu os ombros e acrescentou: — Va lá, vá lá que a menina teve muita sorte! Apanhou-o num dia que lhe deu para brincar aos anjos da guarda. Do mal o menor! Sim, porque estou certo de que não abusou da situação... Mas volte para Dijon e não pense em encontrar de novo Prometo-lhe que o trato bem no dia em que lhe puder pôr as algemas...

RELAMPAGO

DISTRIBUIDOR

Bascher,
Lavrado
Blas
Laria-Lousa
Lava-Roupa



Um RELAMPAGO é indispensável

TODA A DONA DE CASA, PREVIENTE TEM DUAS PREOCUPAÇÕES

O CONFORTO E A ECONOMIA DO SEU LAR

RELAMPAGO SATISFAZ ESTAS DUAS EXIGÊNCIAS

À VENDA NOS SALÕES

FÁBRICA PORTUGAL

Restauradores, 49-51-A, da República, 59-R, Febo Manz, 1-18-R, da Graça, 92-84

Companhia Nacional de Navegação

PAQUETE «NOVA LISBOA» (Ex-ANGOLA) Saída em 9 de Março com escala por Leixões para Funchal, S. Tomé, S. A. Zaire, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cabo, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e outros portos com baldeação. Recebe carga e passageiros

NAVIO/MOTOR «NACALAS» — Saída em 12 de Março com escala por Leixões (se convier), para Principe, S. Tomé, Luanda e outros portos com baldeação. Recebe carga e passageiros

NAVIO/MOTOR «S. THOMÉ» Saída na 2.ª quinzena de Março para o COSTA OCCIDENTAL E COSTA ORIENTAL. Recebe carga e passageiros

Lisboa: Rua do Comércio, 79 e 85 — Telef. 23021 e 23026
Porto: Rua Infante D. Henrique, 73 — Telef. 1434

Crítica de Livros

(Continuação da página 9)

Criou ou estimulou na situação radiofónica um estilo de enoibismo insuportável, quase sempre tão grotesco e tão mediocre que prejudica, sem remédio, o que as suas qualidades lhe permitiriam criar com valor. Neste volume de diálogos radiofónicos, essas qualidades não se «perderam no ar»; mas não se perdeu também o snobismo petulante, quase infantil se não fosse tão ridículo, que os ouvintes da rádio, com respeito e com admiração cômica, se habituaram a diagnosticar neste brilhante Olavo.

Os diálogos são conduzidos com vivacidade, algumas vezes com graça e com certa «matéria» teatral, de que se pode aproveitar alguma coisa. Talvez Olavo de Eça Lins não seja capaz de outro estilo e outra vocação artística que elimine os seus pretensiosismos já bastante gastos,

conservando as qualidades que é justo confirmá-lhe. Mas valeria a pena tentar — e o teatro tentado a sério te a sério, mesmo, no género burlesco ou humorístico) seria, certamente, o melhor caminho para a sua bem definida personalidade.

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento aéreo e curto para todos os casos de PRINHA Domada ou secura da pele. Não se aplica sobre as mãos, pés, etc. ATÉ HOJE NÃO SE APARECEU COISA MELHOR

À venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11500



"55"

O BATON DA MODA EM E LINDOS TONS

Para si, minha senhora...

4

MODELOS ORIGINAIS
DE ARMINDA PEREIRA

EXCLUSIVO DE

“VIDA MUNDIAL ILUSTRADA”



1) Elegantissimo «tailleurs» género «sports». Pregado de manga bastante original, com cova em forma de prego pespantado.

2) Este é um juvenil conjunto de «conaditinas» em lá-lis e saia de escocês machado no frente e costas.

3) «Tailleurs» de «stolletes» ornado unicamente com fitilhos de veludo mais escuro. Chapéu condizente.

4) Saia e casaco em fazenda fina preto. Os bordados a «vidrilhos» ou «pailletés» guarnecem as ombreiras e os bolsos soltos.

Arminda



Do cotidiano, em motocicletas, os policiais devem se preparar contra os riscos de sofrer danos.

UMA ESCOLA MÉDICA PARA RAPARIGAS



Em salas de consultório de hospitais, estudantes de medicina observam por dentro dos corpos.



O caso do Sr. caso na sala de operações.

LOS ANGELES, A CIDADE ONDE HÁ MAIS ACIDENTES DE VIAÇÃO

Ainda que tenha a reputação de grande doador, os estudantes de medicina não estão imunes a acidentes de trânsito, como ocorreu com a estudante de medicina Los Angeles, que morreu ao ser atingida por um carro enquanto estava em uma ambulância.

As fotos que ilustram esta página são documentos fotográficos elaborados por estudantes de medicina que se tornaram vítimas e de outros estudantes que a ajudaram a sobreviver.



O estudante de medicina foi transportado para o hospital em uma ambulância.



Foto de um estudante de medicina que morreu ao ser atingido por um carro enquanto estava em uma ambulância.



Uma estudante de medicina morreu ao ser atingida por um carro enquanto estava em uma ambulância.



Uma estudante de medicina morreu ao ser atingida por um carro enquanto estava em uma ambulância.



Uma estudante de medicina morreu ao ser atingida por um carro enquanto estava em uma ambulância.



Um estudante de medicina morreu ao ser atingido por um carro enquanto estava em uma ambulância.



Estudantes de medicina em uma aula prática.

Uma estudante de medicina em um laboratório de anatomia.

Uma estudante de medicina em um laboratório de anatomia.

Uma estudante de medicina em um laboratório de anatomia.

Uma estudante de medicina em um laboratório de anatomia.

Uma estudante de medicina em um laboratório de anatomia.

Uma estudante de medicina em um laboratório de anatomia.

Uma estudante de medicina em um laboratório de anatomia.



Os alunos das escolas de medicina devem aprender a reconhecer os sinais de uma emergência médica, como o caso de uma estudante de medicina que morreu ao ser atingida por um carro enquanto estava em uma ambulância.

Em 1950 um grupo de seis estudantes de medicina em Los Angeles morreu ao ser atingido por um carro enquanto estavam em uma ambulância.

Uma estudante de medicina morreu ao ser atingida por um carro enquanto estava em uma ambulância.

Uma estudante de medicina morreu ao ser atingida por um carro enquanto estava em uma ambulância.

Uma estudante de medicina morreu ao ser atingida por um carro enquanto estava em uma ambulância.

Uma estudante de medicina morreu ao ser atingida por um carro enquanto estava em uma ambulância.

Uma estudante de medicina morreu ao ser atingida por um carro enquanto estava em uma ambulância.

Uma estudante de medicina morreu ao ser atingida por um carro enquanto estava em uma ambulância.

Uma estudante de medicina morreu ao ser atingida por um carro enquanto estava em uma ambulância.

QUANDO OS ACTORES ESPANHOIS "EMPRESTAM" VOZ AOS ARTISTAS PORTUGUESES...

POR FERNANDO FRAGOSO

A carreira de «Cinco Lobitos», que entre nós se chamará «O Diabo são Elias», tem uma história curiosa que vale a pena contar — porque, até certo ponto, nos põe em face dum dos mais graves problemas da indústria cinematográfica espanhola.

«Cinco Lobitos» estreou-se num dos cinemas da Gran-Via e manteve-se cinco dias, apenas, no cartaz. Dalí, passou para um circuito de salas do bairro. «O Véio», o filme de Vajda, diziamos, é, porém, uma comédia muito agradável, realizada com a proverbial «facilidade» do director de «Doze Luas de Mel». A história, dentro da sua propositada inverosimilhança, interessa por aqueles mil e um «spags», que nos dão a «stouche» do cineasta húngaro. Bem interpretado, com «decoras» for a comum, o filme tem todas as condições val ser um êxito em Lisboa. Se assim é, como se explica o paradoxo dos cinco dias de exhibição no cinema de estreia e das salas vazias na «primeira reprixe»?

Interrogado mais do que uma pessoa sobre o assunto, Desse logo, todos nos afirmaram que a apresentação do filme, em Madrid, fora feita de molde a confundir a limitada cartazagem com a menta de estrela. A verdade é esta: o público espanhol mostra um desinteresse afilivado pelas suas produções nacionais, e, logicamente, acompanhando-nos nas flutuações das suas preferências. Ranceo, o principal realde, sem dúvida, na «dobra-gem». Uma vez que todos os filmes são

falados em espanhol, o público prefere os estrangeiros, com os quais os manuais de política pró ou contra a «dobra-gem». Limítome a verificar um facto e a aceitar, para ele, a explicação mais que convincente.

A «dobra-gem», se popularizou o espectáculo cinematográfico na Provincia, e até nos grandes centros, permitindo o aumento número de cinemas, que hoje atingem em Espanha cerca de 3.000 (e este beneficio também todos o reconhecem) — matou, no público, em contrapartida, o interesse pelos filmes produzidos no País. Porque lhes roubou aquilo que constituiria, para esse mesmo público, a sua maior força — a circunstância de serem os filmes falados em espanhol. Como todos os filmes que se exibem em Espanha são «dobra-dos», o espectador, entre a comédia de Deanna Durbin e a película de Vajda, prefere aquela, realizada com meios e em proporções de que só Hollywood pode dispor. É o êxito de «Os Últimos dos Filipinos» ou de «El Escandalo», são as excepções que confirmam a regra.

Revertendo aos «Cinco Lobitos», digamos ainda que ele nos oferece matéria de meditação, no que se refere ao trabalho. Assim, Barreto Postra — que se defende briosamente num papel que não se adequa ao seu temperamento de actor dramático — apparece-nos prejudicado pela banalidade da voz do actor que o «dobra». A voz de Postra, grave, profunda, bem modulada, e de falizes entonações, foi substituída pela de um actor espanhol que, embora «diga» bem, roubou ao nosso artista uma das facetas mais mandadas da sua personalidade. Aqui, assim, consideramos a «dobra-gem» um recurso» excessível, que transporta o cinema ao tempo recuado das «fitas faladas» de «Chanteciers» ou do «Salto Rosso». A mesma pessoa que no palco desempenha, possivelmente, papéis de segundo plano, apparece a fazer pelo Barreto Postra, pelo Clark Gable, pelo Walter Pidgeon ou pelos Charles Laughton, a personalidade de seus actores passa a ter um denominador commum. E atenta a sua categoria — que-garemos à conclusão de que a voz emprestada só poderá prejudicar os verdadeiros interpretes.

As irmãs Melreire, Humberto Madeira e Regina Montenegro — julgados apenas por serem faladas em português — e do conjunto, Ana Maria Campoy — nós a nota mais alta do filme. E incofendáveis, a primeira actriz de segundo plano de Espanha, no seu género, no momento que passa. António Casal, que as legendas costumam acimar no logotipo de «foi o que menos nos convenceu».

«Cinco Lobitos» não logrou, em Espanha, o êxito que merece. Mas Lisboa «foi gostar do filme. E terá razões de sobra para o manter várias semanas no cartaz».

Madrid, Fevereiro de 1946.

FRANCIS

DIZ-NOS PORQUE DEIXOU O "VERDE GAIO", FALA-NOS DOS SEUS PROJECTOS FUTUROS E DA SUA PRÓXIMA PARTIDA PARA O BRASIL

FRANCIS, um artista português de indistinctive categoria e invulgar cultura, está á nossa frente e vai prestar-se, amavelmente, ao sacrificio dum entrevista. Entrevista que se justifica, pois Francisco Graça regressou, há pouco, ao teatro lírico, onde tem alcançado grandes êxitos sem nunca transigrir com o «fácil» nem com o «estradu», e impoñdo-se, apenas, pela sua Arte.

As suas estilizações de motivos coreográficos portugueses teriam categoria e aceitação em qualquer parte do mundo. E assim tem acontecido sempre que o grande bailarino passa fronteiras e leva, a outros países, os seus magníficos apontamentos da nossa terra.

Antes de tudo, uma pergunta se impunha, pergunta que pode não interessar ao artista responder, mas a, ao jornalista, interessa perguntar:

— Porque deixou o «Verde Gaiolo»?

E Francis, que fez desse grupo de bailarinos um magnifico conjunto de Arte, que tanto agradao ao público elegante do São Carlos como á plateia popular do Coliseu, respondeu-nos com certa tristeza:

— Muitas razões me levaram a pedir a demissão... a desistir... Falto-me o entusiasmo e, como sabe, sem entusiasmo nada se faz:

— Acreditamos que deve ter sido razões mais fortes...

— Sim, realmente... Trabalhei, durante cinco anos, de manhã á noite, para conseguir o que se conseguia... E creio que muito, pelas dificuldades que foi preciso vencer...

— Decididamente, o artista não quer dizer mais... Mudemos de assunto:

— E agora, Francis? Fica pelo teatro?

— Não fico. Preparo um recital de dança, sozinho... Isto da minha reparição no teatro lírico explicou-se assim: —foi na minha sala de ensaio que os directores do Teatro onde estou trabalhando me foram conyiliar para entrar numa revista. Devido á maneira simpática como me falaram e á veia camaradega com Luiz Salgueiro, aceti. E estarei no teatro até preparar o recital que farei antes de seguir para o Brasil...

— Vai ao Brasil?

— Estou contratado, desde Setembro último, para o Copacabana, onde, de resto, já trabalhei...

— Que fará no Rio de Janeiro?

— Com certeza dançarei. E, como da outra vez, além do Copacabana darei recital no Municipal.

— O recital que vai fazer sozinho...

— Será para apresentação de música clássica e moderna, de autores de vários países. Juízo ter tempo — embora tenha de partir já em Maio!

— Uma pergunta que nos interessa, Francis: — Você, depois de dançar no São Carlos passou para um teatro do Parque Mayer... Quais as suas impressões?

— Sinceramente — estou convencido de que sou um artista popular! Tanto quando dancei «O Fado» como o D. Sebastião, e com a sala do Coliseu cheio, senti o interesse do público. Nunca transigrir, procurando coisa para agradar ao público. Procura sempre que na minha arte não haja coisas inúteis. Dessa simplificação tem que resultar melhor comprehendo e intimidade com o público.

Assim falou Francis, o bailarino português que os brasileiros e os portugueses do Brasil vão ver, brevemente, nas suas interpretações coreográficas, sempre tão portuguesas.



APÓS SETE ANOS DE AUSÊNCIA HAROLD VOLTAVA AOS ESTÚDIOS

vidade como produtor de filmes e Interpreter de Rádio.

Chega-nos agora a noticia sensacional do seu regresso. Harold vem pela mão de Preston Sturges e de Howard Hughes para actuar como protagonista de «O Pecado de Harold Diddlebock», que o primeiro dirige. O filme é a continuação de «The Freshman», que o actor interpretou em 1925. A história começa no momento em que aquella acabava. E continua no cinema de Hollywood, os rapaz que conclui a formatura num grande collegio americano, e que depois tem que lancar mão de vários expedientes para ganhar a vida. Vê-se, então, envolvido numa curiosa aventura, da qual se sai por um processo engenhoso.

Saudemos o regresso de Harold, que foi o mais optimista de todos os cómicos, muito embora olhasse a vida por outros óculos que só não eram cor de rosa porque não tinham lenças de qualquer espécie...

Harold Lloyd, o cómico famoso Jos óculos de aros de torturago, tal como o vemos vir, numo cena dramática de «O Pecado de Harold Diddlebock».

EMBRAMSE dele, não é verdade? Foi com Charlot e Buster Keaton (Pampalins), um dos maiores actores cómicos do cinema. As suas farsas faziam fôr á bandeiras desprezadas. E o público agradava-as, com aniedade, com a certeza de que constituiriam sempre um espectáculo em cieio.

Um dia, porém, Harold desapareceu do cinema. E soube se que renunciara á carreira de actor para aplicar a sua acti-



Xavier Cugat, o famoso director da orquestra típica de ritmos sul-americanos, tem, como qualquer de nós, as suas fraquezas. E a dele, deu-lhe para fazer caricaturas. Aqui têm Betty Grable e Harry James, o rei do trampette, tal como foram vistos pelo lápis de Cugat. Harry parece-nos excelente. Mas se fôssemos a Betty Grable nunca mais falávamos ao caricaturista...



Jackie Jenkins, a despeito da sua idade, já vai a «manucure». O fotógrafo, com efeito, surpreendeu-a no instante em que o pequeno «astro» se propunha arranjar as unhas. Este miúdo, ruivo e sordido, conquistou extraordinária popularidade na «Comédia Humana» — lembrem-se daquela imagem em que ele dizia adous o comboio? — e a tal ponto que se conte hoje no número das vedetas do cinema americano.



Van Johnson vai para o estúdio, pela manhã, vestido desta forma pitoresca. A camisola lembra o dos pescadores do Póvoa. A manta forma, com ele, um conjunto invulgar. Afinal, a explicação do traje é bem simples: trata-se dum presente enviado pelos seus amigos do México, e com o qual o popular artista quis fotografar-se.



Sinfonia a preto e branco! Ou a belu e a fera — se por «fera» entendermos a pele do urso sobre a qual avulta o corpo maravilhoso do artista, jóia de preço, encostado em veludo negro.

OS MELHORES FILMES E...

OS críticos cinematográficos dos Estados Unidos, representados por um número global de mais de quatro centenas, acabam de escolher, sobre o patrocínio do «Film Daily», os melhores filmes, intérpretes e realizadores de 1945. Eis os resultados, figurando com o título português as películas já apresentadas brevemente:

FILMES:

- 1— Wilson.
- 2— A tree grows in Brooklyn.
- 3— As Chaves do Reino.
- 4— O vale da Decisão.
- 5— A song to remember.
- 6— Laura.
- 7— The Story of G.I. Joe.
- 8— The Corn is Green.

- 9— A nobreza corre nas veias.
- 10— Patinho de Marinhelro.

ACTORES:

- 1— Alexandre Knox, em «Wilson».
- 2— Gregory Peck, em «As chaves do Reino».
- 3— Burgess Meredith, em «The Story of G.I. Joe».
- 4— Gregory Peck, em «O Vale da Decisão».
- 5— Joseph Cotten, em «Love Letters».

ACTRIZES:

- 1— Ingrid Bergman, em «Spellbound».
- 2— Greer Garson, em «O vale da Decisão».
- 3— Joan Crawford, em «Mildred Pierce».

- 4— Bette Davis, em «The Corn is Green».
- 5— Greer Garson, em «A senhora Parkington».

REALIZADORES:

- 1— Henry King, em «Wilson».
- 2— Otto Preminger, em «Laura».
- 3— Alfred Hitchcock, em «Spellbound».
- 4— William Dieterle, em «Love Letters».
- 5— Elia Kazan, em «A tree grows in Brooklyn».

Este inquérito, importa assinalar, é um dos mais considerados, pela categoria das personalidades que nele intervêm e pela seriedade do apuramento dos resultados.

... INTERPRETES DE 1945

NÃO É UM GALÃ DO CINEMA ESTRANGEIRO...

Alfredo Alves, cantor de formosíssima voz, que depois de alguns notáveis triunfos como artista lírico, vai estreiar-se no cinema interpretando um papel dum filme português já em preparação.



Não procurem decifrar o significado da indumentária. Odalisco? Favorita de capitão de piratas? Fantasia turca? Reparem apenas na graça de Evelyn Kaye, e se quiserem copiar a «escravos» que ela usa no ante-brço. Não diremos que seja cómoda, mas é, pelo menos, bastante original... Quanto à arca, também ignoramos o que contém. Ouro? Pedrarias? Jóias de preço? Ou um enxoval de noivo, feito de rendas tão leves como a espuma do mar? Estas fotografias, leitores, têm estas vantagens: podemos sobre elas deixar vogar a fantasia — e sonhar!



BIT-BITS

APONTAMENTOS SABER PERGUNTAR...

1 sr. administrador começou as suas visitas oficiais pelas propriedades do sr. Monteiro, homem importante lá da terra, e que, por isso, merecia ser tratado com todas as atenções.

E acompanhado pelo dono da herdade, atravessou grandes extensões de terreno, todo ele por cultivar, aparentemente abandono absoluto.

Terra por tratar, via-se que o arado nunca por ali passara, ou passara há muito tempo já.

E, surpreendido, o sr. administrador perguntou:

— Este terreno dá trigo?

— Não senhor! Não dá! — foi a resposta pronta do sr. Monteiro.

Muitos passos andados, nova pergunta e a mesma resposta:

— Este terreno deve dar milho, não?

— Não, senhor administrador! Não dá!

E, mais adiante, já muito admirado da péssima qualidade dos terrenos, o administrador quis, novamente, saber:

— Mas fava dá, não é verdade?

— Não senhor! Fava, também não dá!

Custando-lhe a acreditar que tão más fossem as terras do rico sr. Monteiro, o administrador não se conteve sem perguntar melhor:

— Mas, então, o senhor já experimentou semear isso tudo — e nada!

E o sr. Monteiro descobriu, finalmente, o seu pensamento:

— Ah! Vola semeando, dá! Eu julguei que o sr. administrador perguntava se as terras davam isso tudo — mesmo sem a gente semear!



A ginástica para emagrecer tem-lhe feito muita bem!



Este é um novo passo da dança do salão, indiciadíssimo para os bailes e ecilariz em qualquer musicómio

POUCAS PALAVRAS

A memória é o talento dos que não o têm...

Nada há mais triste do que ser menino gordo numa coiteiro de crianças magras.

Os homens casados não gostam que as mulheres fumem, até porque são eles que têm que pagar o tabaco...

A eternidade, em amor, pode ser um mês e meio.

Autores de primeiro acto, há muitos; de segundo acto, menos; de terceiro, poucos...

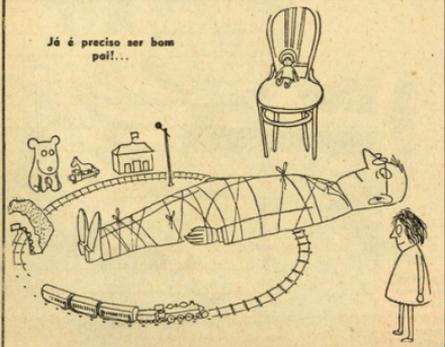
Ainda que isso custe muito aos poetas, a felicidade tem por base — a prosa...

Pela gravata se conhece o homem. E a mulher desse homem.



Alegria de viver

Já é preciso ser bom pois...



UM NOME QUE NÃO PRECISA DE SER RECOMENDADO

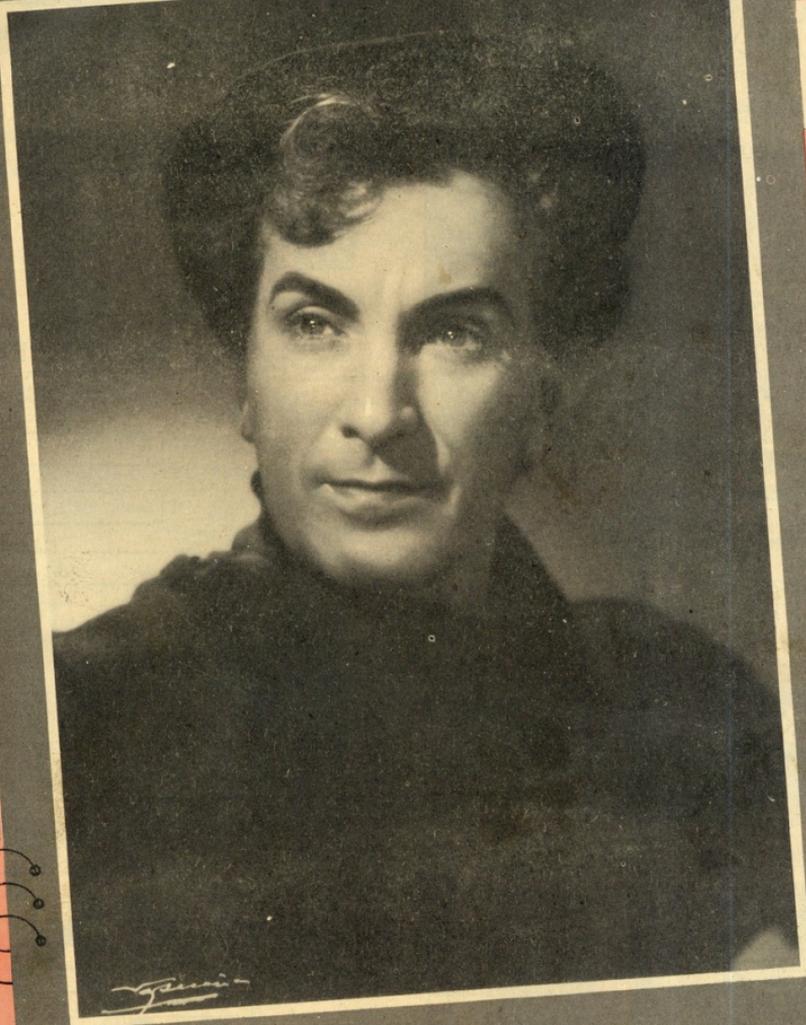


Porcelanas da VISTA ALEGRE

À VENDA EM TÓDAS AS CASAS DA ESPECIALIDADE E NOS SEUS DEPOSITOS DE LISBOA E PORTO

FRANCIS,
GRANDE
BAILARINO
PORTUGUÊS

(Ver entrevista
na pág. 20)



Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas

CARMIM
CREME
TOREIRO

Pasta dentífrica
Pasta dentífrica
Pasta dentífrica
Pasta dentífrica

CARMIM
CREME
TOREIRO

E branqueia os dentes
E branqueia os dentes
E branqueia os dentes
E branqueia os dentes